

o[s] tempo[s] do[s] medi@

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 7 . 2007

Textos Jornalísticos de Eça de Queirós:
o jornalismo oitocentista olhado pelo escritor/jornalista

Ana Teresa Peixinho

Ana Teresa Peixinho. Mestre em Literatura Portuguesa Moderna, Assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, doutoranda em Ciências da Comunicação (especialidade História do Jornalismo), Colaboradora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

1. Considerações Prévias

Reflectir sobre os tempos dos *media* implica, na nossa opinião, não apenas pensar e aprofundar a complexidade das problemáticas do jornalismo contemporâneo, mas também equacioná-las e perspectivá-las à luz da História. Deste modo, e concordando com a maioria dos autores que identificam o século XIX como a centúria que viu nascer o jornalismo moderno, ou a idade de ouro da imprensa, desenvolveremos uma reflexão sobre alguns aspectos do jornalismo português oitocentista. Este olhar retrospectivo, que nos propomos ensaiar no presente artigo, será desencadeado a partir de alguns textos de imprensa de Eça de Queirós que, de um modo muito peculiar, reflectem as inquietações do escritor face ao novo poder nascente da imprensa. Trata-se, portanto, de reler as opiniões que Eça foi deixando em diversas crónicas jornalísticas sobre a imprensa do seu tempo, à luz da evolução histórica do jornalismo português.

Para o efeito, recorreremos fundamentalmente a dois textos queirosianos: um publicado no fim da década de sessenta, no jornal *O Distrito de Évora*, outro escrito em plena década de noventa, publicado na *Gazeta de Notícias*, jornal brasileiro com o qual Eça colaborou durante muitos anos. O confronto entre estes textos permitir-nos-á perceber a evolução do pensamento do escritor / jornalista face à imprensa do seu tempo e, simultaneamente, captar as evoluções a que se submeteram os jornais portugueses e europeus ao longo da segunda metade do século, no sentido de uma adaptação a modelos importados do jornalismo anglo-americano, cujo desenvolvimento e práticas se processaram desde cedo à margem do contexto europeu continental.

Sendo sobejamente conhecido o forte envolvimento do escritor com a imprensa oitocentista, esse olhar queirosiano, sempre crítico e filtrado pela sua reconhecida ironia, permite-nos, por um lado, captar a gradual evolução do jornalismo português entre as décadas de sessenta e noventa do século XIX e, por outro lado, perceber as sensibilidades de um homem que, além de grande romancista, foi também e de um modo muito empenhado “uma espécie de jornalista”, como o próprio se define¹.

2. Eça de Queirós escritor / jornalista: o destino de um homem de letras

De facto, para além de grande romancista, Eça experimentou também, com muita mestria, outros tipos de escrita não ficcional, podendo afirmar-se, com verdade, que foi igualmente um eminente jornalista do seu tempo². A ligação de Eça de Queirós ao jorna-

¹ Numa crónica publicada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, na secção de «Ecos de Paris», entre 26 e 28 de Abril de 1894, Eça afirma: “Não posso por isso ser considerado suspeito, no aprovar, como aprovo, todas as acusações que, no seu discurso de recepção na Academia, ele desenrolou contra os jornais, contra os jornalistas, e, portanto, contra mim, que sou, a meu modo, e de um modo bem imperfeito, uma espécie de jornalista.” (In: QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante, Lisboa, INCM, 2002, p. 456).

² Esta é a opinião de muitos estudiosos da sua obra que reservam sempre um olhar atento à faceta jornalística da sua personalidade. Jaime Brasil, num artigo intitulado «Eça de Queiroz, jornalista», considera Eça um “jornalista de raça, isto é: de temperamento, de vocação, de amor apaixonado pelo ofício; jornalista profissional, pois durante certo período da sua vida só teve como únicos proventos os auferidos na imprensa; jornalista, visto ter exercido o mais nobre magistério possível de exercer em jornais: o de crítico; jornalista até ao escrever

lismo oitocentista é uma das marcas incontornáveis da sua vida e da sua obra, já que, desde os longínquos tempos dos folhetins dominicais de *Prosas Bárbaras*³, publicados na *Gazeta de Portugal* entre 1866 e 1867, até aos últimos anos da sua vida, o escritor manteve uma relação de grande proximidade com diversos jornais e revistas do seu tempo.

Essa relação adquiriu, ao longo dos anos, perfis de diferente natureza: nuns casos, o jornal cedeu a Eça, como aliás era comum no jornalismo da época⁴, espaço de publicação e divulgação de algumas das suas obras; noutros, serviu de suporte e de *medium* à afirmação pública de determinados posicionamentos políticos, ideológicos ou estéticos, como o prova o elenco de suas cartas públicas; finalmente, o jornalismo oitocentista enriqueceu-se com uma vastíssima colaboração cronística de Eça como correspondente exterior, como o demonstram as *Cartas de Londres*, publicadas no final da década de setenta no jornal *A Actualidade* do Porto e o grande conjunto de textos com que o autor brilhou nas páginas da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, entre 1880 e 1897.

Percorrendo transversalmente a obra de Eça de Queirós, encontramos uma frequente e assídua colaboração em diversos periódicos do seu tempo que não se restringe à publicação, em folhetim, de romances ou contos, uma vez que são bastantes as páginas de índole jornalística, através das quais o autor traça o panorama crítico da sociedade portuguesa, analisa friamente a situação política do país e do Mundo, descreve personalidades contemporâneas, acompanha a evolução de cenários internacionais, trava polémicas com outros indivíduos, analisa a imprensa internacional, etc. Desde 1866, ano em que inicia a sua colaboração semanal com a *Gazeta de Portugal*, até ao final da sua vida, Eça nunca deixou de estar ligado ao jornalismo, donde retirava também algum proveito financeiro: a direcção e edição do *Distrito de Évora*, em 1867; a publicação em folhetins do romance epistolar *O Mistério da Estrada de Sintra*, no *Diário de Notícias*, em 1870; a redacção d'*As Farpas*, projecto de índole reformista, partilhado com Ramalho Ortigão. Além destas publicações e da cronística acima referida, devemos também ter presente que Eça foi o mentor e director da célebre *Revista de Portugal*, projecto editorial de altíssima qualidade, com fins pedagógicos e patrióticos indiscutíveis; foi ainda colaborador da *Revista Moderna*, periódico publicado em Paris, entre Maio de 1897 e Abril de 1899, da responsabilidade do

os seus romances, os quais, sob a capa romanesca, são ora panfletos de socio-crítica, ora doutrinação e norma de conduta.” (BRASIL, Jaime – «Eça de Queiroz, jornalista». In: PEREIRA, Lúcia Miguel e REIS, Câmara (org.) – *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p. 510). Também Jacinto Baptista afirma que “se o jornalismo foi privilegiado meio de expressão e de comunicação de Eça com os leitores, nem por isso o episódico redactor do *Distrito de Évora* perdeu nunca, em relação aos jornais e à actividade dos jornalistas, o distanciamento crítico e a abordagem percuciente, irónico quando caso disso, que foi a sua constante atitude perante outras manifestações humanas.” (BAPTISTA, Jacinto – «Eça jornalista». In: MATOS, A. Campos (org.) – *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Caminho, 1993. 2ª ed., p. 326).

³ A edição crítica destes textos redistribuiu-os e reeditou-os de outra forma, nomeadamente sob o título de *Textos de Imprensa I* (edição de Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho). Apesar de tudo, utilizamos por comodidade o título escolhido por Luís de Magalhães, aquando da primeira edição em livro, em 1903.

⁴ Foi o célebre jornal *La Presse* de Émile de Girardin que iniciou a vaga da publicação de romances-folhetim, utilizando a assinatura de nomes célebres da Literatura para angariar leitores; o primeiro romance do género é o *La Vieille Fille* de Balzac, publicado neste periódico em 1836. A este respeito vejam-se as seguintes obras: THÉRENTY, Marie-Ève e VAILLANT, Alain – 1836. *L'An I de l'ère médiatique. Analyse littéraire et historique de La Presse de Girardin*. Paris, Nouveau-Monde Editions, 2001; THÉRENTY, Marie-Ève – *Mosaïques. Être écrivain entre presse et roman (1829-1836)*. Paris, Honoré Champion, 2003.

brasileiro Martinho Carlos de Arruda Botelho e onde Eça terá publicado *A Ilustre Casa de Ramires*, alguns dos seus contos («A Perfeição», «José Matias» e «Suave Milagre»), bem como algumas crónicas; e, mais pontualmente, participou em diversos jornais da época, tais como *O Atlântico*, a *Ilustração* e *O Tempo*⁵. Claro que, em muitos destes casos, a colaboração de Eça com a imprensa permitia-lhe retirar dividendos extras que o ajudavam a suportar o estilo de vida para o qual o salário de diplomata era insuficiente. No entanto, apesar de o factor financeiro ter tido um peso considerável na carreira jornalística de Eça de Queirós, acreditamos com Jacinto Baptista que “seria, porém, grave injustiça e erro notório limitar à preocupação lucrativa, de complemento à fonte de subsistência regular, a actividade periodística de Eça (...)”⁶.

Aquilo que este elenco vem, indubitavelmente, confirmar é a forte ligação de Eça de Queirós ao jornalismo do seu tempo, uma ligação persistente, heterogénea e multifacetada. Como é, aliás, característico da imprensa oitocentista portuguesa, muito por influência francesa, o escritor e intelectual do século XIX ocupa um espaço relevante na dinâmica do campo jornalístico, quer como colaborador externo, quer ainda como participante activo e dinamizador de novas publicações.

Tendo em consideração o contexto histórico-cultural em que se move Eça de Queirós, convém referir que a acumulação das funções de escritor e jornalista era uma marca distintiva do jornalismo oitocentista europeu, nomeadamente do jornalismo francês. Segundo Jean Chalaby, uma das especificidades da afirmação do jornalismo oitocentista francês é precisamente a sua estreita dependência relativamente ao universo literário: “tradicionalmente, as figuras e celebridades literárias estiveram sempre muito envolvidas no jornalismo. Até ao final do Segundo Império, ocuparam posições dominantes no mundo da imprensa. (...) Honoré de Balzac, Robert de Lamennais, Alphonse de Lamartine, Alexandre Dumas, Victor Hugo foram proprietários e editores de vários jornais durante as suas carreiras.”⁷.

Também Isabel Vargues explica que a profissão de homem de letras era à época, cumulativa com outras, nomeadamente com a de jornalista: “Tal como em França, Inglaterra e Espanha também em Portugal os profissionais do jornalismo mantinham laços com a política e com a literatura, exercendo já então uma influência considerável na sociedade através de uma imprensa de opinião, que só mais tarde se tornaria noticiosa e informativa.”⁸. Na verdade, antes de se atingir a autonomia profissional, na viragem do século XIX para o século XX, ser jornalista era também uma ocupação reservada quer a literatos, quer a políticos, que entendiam os jornais e as revistas como espaços públicos de opinião. Escrever nos jornais era uma forma de afirmação de uma autoridade, um modo de publicitar ideias, de divulgar obras, de defender ideologias, de travar polémicas diversas, enfim, de participar activamente na construção da esfera pública. Desde o

⁵ Nestes jornais, publica Eça de Queirós a célebre carta a Pinheiro Chagas «Brasil e Portugal», a carta sobre Victor Hugo e a carta «Tomás de Alencar, uma explicação», respectivamente.

⁶ BAPTISTA, Jacinto – «Eça jornalista». In: MATOS, A. Campos (org.) – *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Caminho, 1993, 2ª ed, p. 326.

⁷ CHALABY, Jean – «O Jornalismo como invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920)». In: *Media & Jornalismo*, Nov. 2003, Vol. 1, n.º 3, p. 36. <http://revcom.portcom.intercom.org.br>

⁸ VARGUES, Isabel – «A Afirmação da Profissão de Jornalista em Portugal: um poder entre poderes?». *Separata da Revista de História das Ideias*. Coimbra, Faculdade de Letras, 2003. Vol. 24, p. 158-159.

nosso primeiro Romantismo, ideologicamente iluminado pelo Liberalismo, os nossos escritores movimentam-se simultaneamente no mundo da Literatura e no dos jornais: a título de exemplo, lembremos que em 1846 surge a Associação Promotora dos Melhoramentos da Imprensa, liderada por Almeida Garrett e José Estêvão, que agrupou um conjunto de escritores e jornalistas, a fim de reflectirem sobre o desenvolvimento da imprensa nacional⁹. Nomes como Garrett, Herculano, Castilho, Lopes de Mendonça, Pinheiro Chagas e Camilo são exemplos de como, desde o início da centúria de oitocentos, o jornalista era também o homem de letras, cuja imagem pública estava intimamente associada à Literatura. Aliás, para José Tengarrinha, esta participação dos nossos escritores no jornal foi determinante para o incremento da qualidade da escrita jornalística no século XIX, comparativamente ao que ocorrera nos séculos precedentes¹⁰.

Esta sobreposição dos campos literário e jornalístico, ambos em processo de autonomização ao longo do século, foi, como já referimos, uma marca característica do jornalismo francês, onde escritores como Balzac, Victor Hugo, Eugène Sue, Zola e tantos outros, abrilhantaram as páginas dos periódicos não apenas através da publicação de ficção (recorde-se a importância capital do romance folhetim, a partir da década de trinta), mas também pela publicação de crónicas jornalísticas, outro género muito apreciado no jornalismo oitocentista e geralmente reservado às grandes penas. Alguns autores defendem mesmo que a especificidade do jornalismo francês, mais resistente à entrada da influência anglo-saxónica, se ficou a dever à dupla origem do seu jornalismo, simultaneamente político e literário¹¹, origem essa nunca renegada¹². Ora, na nossa opinião, como em muitas outras áreas sócio-culturais oitocentistas, também o jornalismo português ostentou um “afrancesamento” indiscutível, pois todo o século XIX é marcado pela presença constante do escritor-jornalista, nas páginas dos periódicos da altura. Não apenas os já citados escritores romântico-liberais, mas também os elementos da famosa Geração de 70, participaram activamente na elaboração e direcção de muitos periódicos. Assim, uma História da imprensa periódica portuguesa passa obrigatoriamente pela história da afirmação e consolidação da elite intelectual e cultural oitocentista.

⁹ A este respeito, veja-se: TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 1989. 2ª ed., p. 191-192.

¹⁰ Segundo o estudioso, “(...) todos os grandes nomes das nossas letras e do nosso pensamento colaboravam assiduamente na imprensa periódica, ao contrário do que acontecera, como vimos, nos séculos XVII e XVIII. Isso faz que o nível geral do jornalismo suba consideravelmente e os periódicos, além de melhor apresentação gráfica, sejam redigidos correctamente e num estilo cada vez mais individualizado.” (TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 1989. 2ªed., p. 191).

¹¹ A este respeito remetemos para : FERENCZI, Thomas – *L'invention du journalisme en France. Naissance de la presse moderne à la fin du XIX siècle*. Paris, Plon, 1993 ; CHALABY, Jean – «O Jornalismo como invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920)». In: *Média & Jornalismo*, Nov. 2003, Vol. 1, n.º 3, p. 29-50, <http://revcom.portcom.intercom.org.br>

¹² Não nos cabe aqui desenvolver esta particularidade da história do jornalismo francês, mas basta observarmos os debates que ocorreram no fim do século XIX sobre a forma de fazer jornalismo em França, para percebermos as grandes fricções provocadas pela entrada dos modelos americanos no universo francês. A este respeito veja-se o capítulo «Les enquêtes de la Revue Bleue» da obra FERENCZI, Thomas – *L'invention du Journalism en France. Naissance de la presse moderne à la fin du XIX siècle*. Paris, Plon, 1993, p. 213-237.

O jornalismo era também encarado pelos homens de letras e pelos políticos como um patamar de acesso a outras carreiras ou funções, uma passagem obrigatória para abrir portas e conseguir uma promoção sócio-profissional. Numa análise às nossas elites intelectuais da primeira metade de oitocentos, Maria de Lourdes Lima dos Santos constata precisamente este aspecto:

O jornalismo, mais do que uma alternativa, aparecia como um modelo relativamente rápido e fácil para fazer uma reputação, valorizar-se e começar a escalada para a desejada meta. Fazer jornalismo (e particularmente jornalismo político) significava enveredar por uma via promocional que, nos novos tempos, exercia sobre os jovens desfavorecidos um poder de atracção comparável ao da carreira eclesiástica no antigo regime¹³.

O carácter provisório da actividade jornalística e o facto de esta actividade funcionar em paralelo com outras carreiras são sinais claros de que, ao longo de todo o século XIX, sobretudo até à década de 90, a profissão de jornalista teve de percorrer um lento caminho em direcção à sua autonomização, que só se atinge quando começam a organizar-se as associações profissionais e os congressos do fim de século¹⁴. Este fenómeno verificado na história do jornalismo português é comum a outros países europeus, nomeadamente a França onde, ao longo de toda a centúria de oitocentos, o jornal ou a revista são os espaços de promoção, publicidade e afirmação pública dos homens de letras. Como explica Thomas Ferenczi, referindo-se à participação dos homens de letras no campo jornalístico, “le journalisme est une voie de passage, non un lieu d’arrivée. Il n’est pas recherché pour lui-même, mais pour tout ce à quoi il mène (...)”¹⁵; também para Christian Delporte “la plupart des contemporains aient regardé le journalisme comme une expérience, un passage, une étape. (...) la presse pouvait conduire à une célébrité rapide servant d’antichambre à la littérature, au pouvoir, à l’administration. La presse permettait de se faire des relations, de fréquenter l’élite.”¹⁶ Outra motivação que atraía os homens de letras para o mundo da imprensa tinha que ver com os proveitos financeiros. Num país marginal como o nosso, com público restrito, poucos leitores e um fraco mercado livreiro, os dividendos adquiridos da escrita jornalística representavam uma mais valia considerável que compensava os parcos proventos da venda dos livros¹⁷. O caso de Eça é exemplar no que a este aspecto diz respeito: a carreira de correspondente de imprensa

¹³ SANTOS, M. de Lourdes Lima – *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*. Lisboa, Editorial Presença, 1985, p. 332.

¹⁴ Veja-se: FERENCZI, Thomas – *L’Invention du Journalisme en France. Naissance de la presse moderne à la fin du XIX siècle*. Paris, Plon, 1993, p. 243-258; DELPORTE, Christian – *Histoire du Journalisme et des Journalistes en France (du XVII siècle à nos jours)*. Paris, PUF, 1995; VARGUES, Isabel – «A Afirmação da Profissão de Jornalista em Portugal: um poder entre poderes?». In: *Separata da Revista de História das Ideias*. Coimbra, Faculdade de Letras, 2003. Vol. 24, p. 158-159.

¹⁵ FERENCZI, Thomas – *L’invention du journalisme en France. Naissance de la presse moderne à la fin du XIX siècle*. Paris, Plon, 1993, p. 29.

¹⁶ DELPORTE, Christian – *Histoire du Journalisme et des Journalistes en France (du XVII siècle à nos jours)*. Paris, PUF, 1995, p. 17.

¹⁷ Remetemos para a análise de Maria de Lourdes Lima dos Santos: SANTOS, M. Lourdes Lima dos – «As penas de viver da pena (aspectos do mercado nacional do livro no século XIX)». In: *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. 1985 n.º 86, Vol. XXI, 2º, p. 187-227.

permitia-lhe equilibrar melhor as suas complicadas finanças¹⁸. Como explica Elza Miné, “se, na segunda, metade do século XIX, colaborar em jornais e revistas acabou por constituir-se, para tantos escritores, além de elo direto com seu público, suplemento orçamentário indiscutível, e se também nesse tempo a versatilidade era a qualidade que, por excelência, caracterizava o jornalista completo, não estranha que o jornal se constituísse num laboratório privilegiado da palavra e que a produção dessa *espécie de jornalista* que foi Eça de Queirós se incluía, de fato e de direito, no domínio do literário.”¹⁹

Bastará para o comprovarmos lermos algumas das cartas que dirigiu aos amigos mais próximos para nos apercebermos desta realidade. Em carta dirigida a Alberto de Oliveira, datada de 23 de Janeiro de 1896, Eça diz, a propósito da sua colaboração na *Gazeta de Notícias* do Rio:

Ora o meu amigo sabe que eu sou, tenho sido nestes últimos anos, um redactor regular da *Gazeta de Notícias* do Rio, recebendo um salário regular. Em mais de quatro meses, não mandei à *Gazeta* o valor, em prosa, de um bilhete-postal. Também por escrúpulo, não tendo dado o trabalho, não cobrei o salário. Mas esses salários são indispensáveis ao meu orçamento – e para legitimamente os receber agora, tenho de mandar para o Rio o montão de prosa a que eles correspondem e que os justifica.²⁰

Esta carta é um dos muitos exemplos de como era importante para o autor enviar com regularidade textos para os jornais: Eça necessitava, para viver de acordo com o nível de vida a que se habituara, de ganhar o dinheiro destas colaborações²¹. Não se pense, no entanto, que eram apenas as motivações financeiras que impeliavam o escritor para as páginas dos jornais. Como comenta Filomena Mónica, “Eça terá começado a escrever artigos por dinheiro, mas fê-lo com um tal brio que é evidente que retirava prazer do exercício.”²². A qualidade estética dos seus textos deixa perceber, de facto, que

¹⁸ Depois de uma análise pormenorizada dos contratos entre Eça de Queirós e os seus editores, Fernando Guedes conclui que Eça de Queirós, no final do século, era o escritor português mais bem pago da época: “Também os seus proventos de escritor se tornaram significativos: de *Os Maias*, em 1883 e 1888, recebeu um conto de réis; *A Relíquia*, em 1885, rendeu-lhe também um conto de réis; a *Correspondência de Fradique Mendes*, em 1889, traz-lhe quatrocentos mil réis; *A Cidade e as Serras*, em 1895, trezentos mil réis de adiantamento; *A Ilustre Casa de Ramires*, em 1899, outro adiantamento de trezentos mil réis. Em moeda de hoje são cerca de 4.800.000\$00 a que se deve acrescentar o que foi recebendo pelas novas edições do *Crime* e do *Primo Basílio* (...): 180\$000 (...) pela 3ª edição do *Crime*; 90\$000 (...) pela 3ª edição do *Primo Basílio* e o que há a acrescentar da colaboração na imprensa brasileira e na portuguesa (...)” (GUEDES, Fernando – *O Livro e a Leitura em Portugal. Subsídios para a sua História. Séculos XVIII-XIX*. Lisboa e São Paulo, Editorial Verbo, 1987, p. 230-231).

¹⁹ MINÉ, Elza – *Páginas Flutuantes – Eça de Queirós e o Jornalismo do Século XIX*. S. Paulo, Ateliê Editora, 2000, p. 49.

²⁰ QUEIRÓS, Eça de – *Correspondência*. Coordenação de Guilherme de Castilho, Lisboa, INCM, 1983. 2º Vol., p. 360.

²¹ Como explica Carlos Reis, referindo-se à correspondência parisiense, “n’oublions pas que ces collaborations journalistiques répondaient aussi à la nécessité de gains supplémentaires, ressentie par un Eça que harcelaient les difficultés financières, aggravées par les exigences d’une famille déjà relativement nombreuse, dans une ville chère comme Paris.” (REIS, Carlos – *Eça de Queirós Consul de Portugal à Paris 1888-1900*. Paris, Centre Culturel C. Gulbenkian, 1997, p. 110).

²² MÓNICA, Filomena – *Eça de Queirós*. Lisboa, Quetzal, 2001, p. 177.

Eça também escrevia por prazer e por desafio intelectual, como, aliás, deixa bem expresso em carta dirigida a Ramalho Ortigão, a 10 de Julho de 1879, um ano antes, portanto, de iniciar a sua colaboração com a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro:

Meu pai escreveu-me há dias, falando-me do desejo que tinha Gonçalves Crespo (...) em me convidar para mandar correspondências ao «Jornal do Comércio». Isto vem exactamente combinar com o meu próprio desejo; eu necessito fazer correspondências, por higiene intelectual. Tenho-me posto no mau hábito de ler todas as manhãs montões de jornais; e esta grossa massa de política cai-me no cérebro, não é digerida, e pela sua presença impede o jogo regular das faculdades artísticas. (...) Preciso purgar a inteligência destas fezes. Quero um vaso. O «Jornal do Comércio» parece-me preencher esta função útil.²³

A escrita jornalística constituía, então, para Eça uma forma de catarse e de organização cerebral: a massa de informação recebida e absorvida pela leitura de jornais era a matéria-prima que as correspondências do autor trabalhavam, moldavam e reinterpretavam.

3. A defesa de um ideal de jornalismo

Apesar disso, cumpre-nos sublinhar que, no caso específico de Eça, mais do que uma simples colaboração com a imprensa, habitual nos homens de letras do seu tempo, o escritor experimentou as funções plenas de um jornalista, a dirigir e redigir totalmente sozinho um jornal regional. De facto, sete meses depois de ter concluído o curso na Universidade de Coimbra, Eça de Queirós parte para a cidade de Évora, em Janeiro de 1867, para aí ocupar o seu primeiro emprego, dirigir um jornal oposicionista chamado *Distrito de Évora*, actividade que o manterá nessa cidade apenas até final de Julho desse mesmo ano²⁴. Trata-se da sua primeira experiência laboral séria²⁵, dado o fracasso das suas incursões pela advocacia, e também da sua estreia como jornalista. De facto, embora tenha colaborado assiduamente com a *Gazeta de Portugal*, de Março a Dezembro de 1866, através da publicação de uma série de fantásticos e românticos folhetins

²³ QUEIRÓS, Eça de – *Correspondência*. Coordenação de Guilherme de Castilho, Lisboa, INCM, 1983. 2º Vol., p. 180.

²⁴ O jornal *Distrito de Évora* ainda foi publicado, após a saída de Eça de Queirós, até Setembro desse ano, tendo sido posteriormente substituído pelo jornal *A Perseverança*. (PEREIRA, A. X. da Silva – *Os jornais portugueses sua filiação e metamorfoses. Notícia suplementar alfabética de todos os periódicos mencionados na Resenha Cronológica do Jornalismo Português*. Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, 1897).

²⁵ Diz-nos Gaspar Simões: “Enquanto praticara no cartório do advogado amigo do seu pai não revelara ponta de vocação. Parece não ter chegado sequer a subir à teia. O pai, melancolicamente, não via o filho tomar rumo que prestasse. (...) É nesta altura que Eça de Queirós, moço de vinte e dois anos, resolve aceitar a proposta que lhe fazem amigos e parentes do pai, residentes em Évora, para ali fundar um jornal político da oposição.” (SIMÕES, João Gaspar – *Vida e Obra de Eça de Queirós*. Amadora, Bertrand, 1980. 3ª ed., p. 141). E Jaime Brasil comenta a chegada de Eça ao jornalismo de província da seguinte forma: “Para lhe dar emprego e abrir, possivelmente, uma carreira na política, foi confiada a direcção da mesma folha ao jovem bacharel recém-saído de Coimbra, com o ordenado – nada mau para a época – de 100\$000 réis por mês.” (BRASIL, Jaime – «Eça de Queiroz, jornalista». In: PEREIRA, Lúcia Miguel e REIS, Câmara (org.) – *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p. 511).

dominicais²⁶, a experiência na capital alentejana revela-se muito mais séria e exigente, obrigando-o a assumir as funções de um verdadeiro jornalista, com a responsabilidade de dirigir e redigir, totalmente sozinho, uma folha bissemanal de quatro páginas. Como afirma Jacinto Baptista: “No *Distrito de Évora* o jovem Eça assume-se de facto como homem-orquestra em relação a uma redacção que requereria, normalmente, para as centenas de páginas produzidas, uma boa dúzia de instrumentos...”²⁷. Se, na *Gazeta de Portugal*, Eça foi um mero colaborador, cujos textos preenchiam o espaço do folhetim aos domingos, no jornal eborense tinha grandes responsabilidades, pois via-se obrigado a produzir na íntegra todas as secções do jornal. Além do mais, aos românticos e bárbaros textos da *Gazeta*, onde Eça podia escrever livremente sobre o que quisesse, sem constrangimentos de espécie alguma, sucedem-se os textos do *Distrito*, mais sérios e irremediavelmente presos ao compromisso jornalístico de reportar a realidade sociopolítica do distrito e do país: “A observação atenta dos factos, das pessoas, das instituições, verdadeiramente iniciada com o seu trabalho de redactor do *Distrito de Évora*, vai permitir-lhe, acima de tudo, um conhecimento muito exacto da realidade social portuguesa, (...)”²⁸, diz-nos Aníbal Pinto de Castro. Se os textos da *Gazeta de Portugal* permitiram a sua estreia na ficção portuguesa e assumem um importante papel para a compreensão do início da sua carreira literária, as páginas do *Distrito de Évora* assinalam indiscutivelmente a sua chegada ao universo do jornalismo português, donde nunca mais se afastará até ao final da vida.

Para além de tudo o mais, a participação de Eça na imprensa do século XIX faz-se acompanhar por um conjunto de textos que transmitem um pensamento e uma reflexão crítica sobre a prática do jornalismo e sobre o poder dos jornais na formação de uma opinião pública. Podemos mesmo afirmar que muitas dessas páginas dariam excelentes tratados de ética jornalística, permitindo vislumbrar muitas das vicissitudes dessa prática discursiva e profissional em pleno século XIX. Como afirma Elza Miné, “pensar o jornalismo de Eça de Queirós pode ainda sugerir-nos a busca de elementos em que se inscrevem opiniões, pontos de vista sobre o papel do jornalista e os modos como se desenvolvem, em seu tempo, as atividades da imprensa periódica, no âmbito dos próprios textos de imprensa, por ele produzidos. Constituiriam o que poderíamos chamar de sua ‘teoria do jornalismo’”²⁹. Na verdade, desde muito cedo o escritor revela uma particular sensibilidade pela nova força social e cultural que a imprensa representou na centúria de oitocentos. Com a sua capacidade de observação perspicaz, Eça rapidamente compreendeu o poder do jornalismo na transformação social da época e, tal como sucede com outras áreas da sociedade, também a imprensa mereceu a sua atenção. Não é por acaso que, no primeiro texto das suas *Farpas*, datado de Junho de 1871, ao traçar o panorama

²⁶ Estes folhetins publicados na *Gazeta de Portugal*, entre 1866 e 1867, foram postumamente compilados por Luís de Magalhães sob o título de *Prosas Bárbaras*. Actualmente encontram-se reeditados em: QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa I (da Gazeta de Portugal)*. Edição de Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho, Lisboa, INCM, 2004.

²⁷ BAPTISTA, Jacinto – «Eça jornalista». In: MATOS, A. Campos (org.) – *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa, Caminho, 1993. 2ª ed., p. 324.

²⁸ CASTRO, Aníbal Pinto de – «Nota Introdutória». In: QUEIRÓS, Eça de – *Páginas de Jornalismo «O Distrito de Évora» (1867)*. Porto, Lello & Irmão – Editores, 1981, p. xix.

²⁹ MINÉ, Elza – *Páginas Flutuantes – Eça de Queirós e o Jornalismo do Século XIX*. S. Paulo, Ateliê Editora, 2000, p. 16.

do país, o escritor reserva algumas páginas ao jornalismo que, a par com o teatro e a literatura, traduzia o estado de decadência da nação³⁰. Esta reflexão crítica que estará presente nos seus textos até ao final do século e que se projecta também em alguma da sua ficção era, aliás, uma marca comum aos seus homólogos franceses, já que, desde Balzac a Zola, passando por Stendhal ou Victor Hugo, todos viviam uma situação ambivalente em que experimentavam uma relação de amor / ódio face à imprensa. Bastará recordarmos o célebre texto de Balzac, *Monographie de la Presse Parisienne*³¹, de 1843, ou mesmo os artigos de Stendhal publicados nas revistas inglesas, promovendo uma radioscopia da imprensa francesa³².

A análise queirosiana não revela a sistematicidade, nem mesmo a profundidade da dos escritores franceses mas não deixa de estar presente, de um modo fragmentário e dileitante, em muitas das suas crónicas de imprensa. Curiosamente, mesmo já no *Distrito de Évora*, com 21 anos de idade apenas e acabado de sair dos bancos da Universidade, Eça reflecte sobre a importância do jornalismo, seus deveres e finalidades. Quer isto dizer que, mesmo sendo um jovem com pouca experiência de vida, Eça entrega-se totalmente às novas funções e veste, de facto, a máscara de jornalista profissional, como se já contasse com anos de experiência. Além do mais, o facto de sentir necessidade de reflectir criticamente sobre o jornalismo é surpreendente num jovem que pela primeira vez exerce semelhantes funções: Eça, além de reportar a realidade social e política do Reino e do Mundo, sentiu necessidade de trazer para as páginas do seu jornal um conjunto de reflexões dispersas que circunscrevem o seu modo de pensar a prática do jornalismo e de o olhar sob um prisma crítico. Tanto assim é que uma das secções do *Distrito de Évora* – a «Revista Crítica dos Jornais» – é reservada a uma exaustiva revisão do que outros jornais locais iam produzindo, aproveitando o jovem jornalista para ir deixando marcas da sua opinião sobre o que deveria ser o jornalismo em pleno século XIX.

No primeiro número do jornal, a 6 de Janeiro de 1867, reserva o texto inaugural desta secção, às funções e potencialidades da imprensa, como um meio de intervir activamente na vida política e social do país. De forma entusiástica e num tom apologético, Eça escreve:

É o grande dever do jornalismo fazer conhecer o estado das cousas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os actos culposos, frouxos, nocivos, velar pelo poder interior da Pátria, pela grandeza moral, intelectual e material em presença das outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes.³³

³⁰ Veja-se: QUEIRÓS, Eça de – *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, Livros do Brasil, s/d., p. 9-30.

³¹ Remetemos para a análise deste texto de Balzac feita por José-Luis Díaz: DIAZ, José-Luis – «L'esprit sous presse. Le journal et le journaliste selon la Littérature Panoramique (1781-1843)». In: THERENTY, Marie-Ève e VAILLANT, Alain – *Presse et Plumes. Journalisme et Littérature au XIX siècle*. Paris, Nouveau Monde Editions, 2004, p. 31-50.

³² Sobre a relação de Stendhal com a imprensa francesa, veja-se o artigo: DIAZ, Brigitte – «Stendhal face à la presse de son temps». In: THERENTY, Marie-Ève e VAILLANT, Alain – *Presse et Plumes. Journalisme et Littérature au XIX siècle*. Paris, Nouveau Monde Editions, 2004, p. 17-29.

³³ QUEIRÓS, Eça – *Páginas de Jornalismo «O Distrito de Évora» (1867)*. Porto, Lello & Irmão Editores, 1981. Vol. II, p. 299-300.

A visão do jornalismo que transparece deste texto é uma visão utópica e romântica mas que, em nosso entender, vem ao encontro da prática ensaiada por Eça nas páginas do *Distrito de Évora*. O jornal é visto como um meio civilizador, como um serviço público, com demasiadas e elevadas responsabilidades em todos os sectores da vida social: fazer conhecer, ensinar, protestar, velar são verbos que veiculam um ideal de jornalismo de acção, interventivo e politicamente empenhado, realizado em função do interesse público. E sobre o jornalista, Eça entende-o como um construtor das consciências através de uma “folha delgada e leve”, “sem esperanças de vida de duração, de imortalidade” (Vol. II, p. 301) que, por isso mesmo, nunca conhecerá a glória e a imortalidade das grandes obras. Portanto, para Eça, o jornalismo, apesar da sua efemeridade, não se reduz a uma mera representação da vida presente e da realidade, pois tem uma função mobilizadora e virada para o futuro:

O jornalismo não deve ser sempre a expressão mais ou menos real das ideias recebidas; ele não é somente o arquivo da opinião moderna: a repercussão duma impressão geral; ele é o motor dos espíritos, descobre novas e fecundas relações sociais entre os povos dum mesmo continente; ele consagra e robustece a solidariedade moral que liga os homens, a fraternidade que os rende; o jornalismo ensina, professa, alumia sobretudo; ele é o grande construtor do futuro; não é só o facto de hoje que o prende – isso é o menos – é o facto que o futuro contém (...)” (Vol. II, p. 302).

Como comenta Aníbal Pinto de Castro: “Ao inaugurar, logo no primeiro número, a «Revista Crítica dos Jornais», dá Eça de Queirós uma definição perfeita e completa de jornalismo, segundo a qual o indivíduo hoje pomposamente chamado “profissional da informação” se vê investido de uma elevada missão formativa e pedagógica que, no plano cívico, social, económico, cultural e religioso, é exercida através de cada leitor e mau grado a efemeridade característica do jornal, sobre toda uma sociedade.”³⁴

Noutros locais do jornal, Eça vai deixando breves comentários sobre o papel da imprensa, sempre tendo como fio condutor o papel civilizador e politicamente empenhado do qual fez a apologia. Numa das crónicas de política nacional, do dia 4 de Abril, o autor, elogiando o progressivo empenhamento do povo na vida social e política do reino, comenta o decisivo papel da imprensa na formação dessa consciência popular: “À imprensa se deve esse despertar fecundo e salutar. (...) Mais que nunca o seu direito é ser respeitada pelo governo, mais que nunca o seu dever é esclarecer o povo.” (Vol. I, p. 306). Tanto assim é que, em crónicas posteriores, ao comparar a imprensa da oposição à imprensa do governo, tece duras críticas à estratégia dos jornais pró-governo que, por falta de imparcialidade, vivem de fazer chacota em vez de traduzirem e lutarem por ideias: “os outros jornais ministeriais, jornais imperceptíveis e caducos, seguem o exemplo profano dos profanos mestres, e derramam-se em violências, em pequenas calúnias, em desconsiderações, em motejos, em vitupérios lamacentos, em raivas frias, cheios de desvario, magros, ambiciosos, ruidosos e alvorçados em redor do subsídio, roídos de inveja, amarelos de medo, curvados pela servilidade, numerosos e insignificantes.” (Vol. I, p.389).

³⁴ CASTRO, Aníbal Pinto de – «Nota Introdutória». In: QUEIRÓS, Eça de – *Páginas de Jornalismo «O Distrito de Évora» (1867)*. Porto, Lello & Irmão – Editores, 1981, p. xxvi.

Eça coloca-se aqui, claro está, na posição de um redactor de um jornal assumidamente de oposição, que tem como principal objectivo criticar duramente a política governamental. Apesar de tudo, parece-nos importante realçar, no que à sua 'teoria do jornalismo' diz respeito, a defesa de um jornalismo imparcial, que lute pela justiça, pela liberdade, em nome de ideais bem definidos. Assim se entende que, ao longo de toda a polémica que trava com a *Folha do Sul*, o mais importante periódico regional eborense³⁵, Eça constantemente critique a vacuidade de ideias dos jornais governamentais, a sua parcialidade e dependência, a sua incapacidade de sustentar uma discussão em termos elevados: "Correm-se os jornais do ministério, nem se encontram ideias, nem discussões, nem sistemas, nem entusiasmos, nem vida." (Vol. II, p.346).

Num texto escrito três anos mais tarde, em 1870, publicado no jornal *A República*³⁶, Eça reitera precisamente os mesmos princípios defendidos no *Distrito de Évora*, relativamente à forma de fazer jornalismo. Trata-se do texto intitulado «Palavras sobre o jornalismo constitucional»³⁷, onde Eça critica, de forma veemente, a prática do jornalismo contemporâneo, atacando a imprensa em várias frentes: acusa-a de falta de princípios, de vacuidade de ideias, de falta de qualidade estética, de abuso de uma retórica gasta, de enfeudamento aos poderes instituídos; critica a banalidade dos seus conteúdos e a sua excessiva personalização. Ou seja, a forma como Eça, neste texto, aborda os aspectos mais negativos da imprensa constitucional reflecte, em certa medida, os princípios sobre a prática do jornalismo defendidos na sua teoria fragmentária do *Distrito de Évora*. Aqui, como vimos, a visão de Eça denuncia ainda uma clara influência dos princípios que regiam a imprensa romântica, nomeadamente a liberal, em que o jornalista, à semelhança do escritor, era entendido como um vate, condutor das massas que, de forma apaixonada e empenhada, defendia e lutava por ideais, educando e formando o leitor.

Ao percorrermos as páginas deste jornal eborense, verificamos que o escritor/jornalista foi coerente com os princípios defendidos sobre a acção do jornalismo e sobretudo tentou cumprir um certo ideal de imprensa que estava ainda, à data, intimamente ligado à imprensa de opinião da primeira metade do século. O *Distrito de Évora*

³⁵ Sobre a *Folha do Sul*, diz-nos Celestino David: "A *Folha do Sul*, jornal de bom formato, era o outro jornal de Évora, semanário, continuador da *Voz da Infância* e do qual era proprietário e editor António Maria Batista Tavares; mas foi cedido depois ao Dr. Manuel da Rocha Viana, cujo nome passou a figurar no alto da sua primeira página, como director, ao lado do nome do Dr. Augusto Felipe Simões, que se indicava como redactor. Tinha a redacção na Rua do Imaginário n.º 4, e a sua atitude política era a de um órgão do governo, embora se considerasse independente." (DAVID, Celestino – *Eça de Queirós em Évora*. Évora, A Celta, 1945, p. 93). Segundo A. X. da Silva Pereira, *A Folha do Sul* foi fundado em 1864 e deu continuidade à *Voz da Infância*. (PEREIRA, A. X. da Silva – *Os jornais portugueses sua filiação e metamorfoses. Notícia suplementar alfabética de todos os periódicos mencionados na Resenha Cronológica do Jornalismo Português*. Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, 1897).

³⁶ Este texto – «Palavras sobre o jornalismo constitucional» – foi publicado em 1870, no n.º 7 do jornal *A República*, fundado e dirigido por Oliveira Martins. O artigo não está assinado mas Lopes de Oliveira identificou-o como pertencente a Eça de Queirós. (GUERRA DA CAL, Ernesto – *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz – Apêndice Bibliografía Queirociana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1975. Tomo 1.º, p. 176).

³⁷ QUEIRÓS, Eça de – «Palavras sobre o jornalismo constitucional». In: *Obras de Eça de Queiroz*. Introdução e fixação dos textos por Aníbal Pinto de Castro, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1986. Vol. IV, p. 1001-1004.

era um jornal bissemanal, com saída às quintas-feiras e domingos, de quatro páginas formato *in-folio*, cuja última página era preenchida com anúncios, e que estava organizado em secções: Política Estrangeira, Correspondência do Reino, Crónica, Leituras Modernas, Revista Crítica de Jornais, Interesse Provincial, Crítica de Literatura e Arte, Agricultura, Comércio e Indústria e, finalmente, os Anúncios³⁸. Todas estas secções eram escritas por Eça, à excepção de algum comunicado, manifesto ou carta recebida na redacção³⁹. Como comenta Celestino David, “o Distrito de Évora é, quase todo, redigido por ele. Quase tudo tem a marca acentuada do seu espírito e da sua feição literária. Em tudo o escritor e o político nos aparecem.”⁴⁰. Não estamos longe, portanto, do conceito do “one-man newspaper” que, segundo Francis Balle caracterizava a imprensa dos séculos que precederam o nascimento da grande imprensa oitocentista: “Le one-man newspaper illustre bien cette époque: le journal était non seulement fabriqué et financé, mais également conçu, écrit et réalisé par un seul homme.”⁴¹

No texto-programa com que Eça de Queirós abre o primeiro número do *Distrito de Évora*, pode ler-se o seguinte:

A empresa deste jornal remete o seu primeiro número a todas as pessoas, a quem julgou não ser indiferente um jornal, que indicasse as necessidades do Alentejo, pugnasse pelo seu direito e acusasse energicamente os abusos que ele sofria: oferece assim o programa das suas ideias a todos os que quiserem unir-se a elas, pela justiça e pela razão. Aqueles a quem o jornal for indiferente reenvia-lo-ão à sua administração. (Distrito de Évora, n.º 1, 6 de Janeiro de 1867, p. 1).

Antes de apresentar o seu programa, num breve parágrafo, Eça promete já, nestas palavras introdutórias, um certo tipo de jornalismo combativo que, para além de traduzir as carências da região, lute pelos seus direitos e acuse os seus males. Situando-se, portanto, numa esfera circunscrita, a região do Alentejo, como aliás o próprio nome do jornal deixa subentender, o jornalista delimita claramente os objectivos do seu periódico a um domínio regional, embora transcendendo a óptica meramente informativa: o *Distrito de Évora* será um jornal interventivo, activo e de compromisso. Quer isto dizer que, no sentido de fidelizar um certo tipo de leitores, ao construir uma espécie de estatuto editorial do jornal, Eça promete apostar em conteúdos que interessem ao público: notícias sobre a sua região, luta pelos interesses locais, preservando sempre “o Direito, a Justiça, a Razão, o Princípio, a Consciência moral” (*Distrito de Évora*, n.º 1, 6 de Janeiro de 1867, p. 1). Independentemente de cumprir ou não esta promessa, estas palavras enunciam os propósitos de Eça, circunscrevendo o jornal a um âmbito provincial, e mostram também como o jovem jornalista, apesar de inexperiente, tinha consciência das

³⁸ Celestino David diz: “As secções que vêm depois são: - Revista Crítica de Jornais - Política Estrangeira - Leituras Modernas, em rodapé - Correspondência do Reino (Lisboa) - Crónica - Interesse Provincial - Crítica de Literatura e Arte - Agricultura, Comércio e Indústria - Anúncios, com a indicação do responsável que é F. da Cunha Bravo, e mais a de que os escritórios do jornal, que sairá aos domingos e quintas-feiras, são na Praça de S. Pedro n.º 32 - A, a assinatura anual é de 400 réis e o preço avulso é de 40 réis.” (DAVID, Celestino - *Eça de Queirós em Évora*. Évora, A Cética, 1945, p. 94-95).

³⁹ Eram muitas as correspondências recebidas e publicadas pelo *Distrito de Évora*, sobretudo dando notícias sobre diversas cidades do país e da região.

⁴⁰ DAVID, Celestino - *Eça de Queirós em Évora*. Évora, A Cética, 1945, p. 112.

⁴¹ BALLE, Francis - *Médias et Sociétés. De Gutenberg à Internet*. Paris, Monchretien, 1997. 8ª ed., p. 74.

especificidades do jornalismo local e da necessidade de criar elos afectivos com os seus leitores. É de sublinhar, em nosso entender, que, apesar de o *Distrito de Évora* ser um jornal assumidamente criado para fazer oposição ao governo, confrontando e polemizando com o principal jornal regional pró-governo, a *Folha do Sul*, essa marca ideológica e política não esteja presente nestas palavras inaugurais. De facto, como veremos de seguida, o olhar de Eça não se restringe de modo algum à esfera dos problemas locais eborenses ou alentejanos, relegando-os até, na nossa opinião, para um plano secundário e dando protagonismo e relevo às notícias de política nacional e internacional.

O *Distrito de Évora* era um jornal político, com um posicionamento e objectivos bem definidos, que Eça de Queirós tentou cumprir escrupulosamente: funcionar como órgão de oposição ao governo, num momento em que o país vivia sob pressão e em crise social, financeira e política. O jovem jornalista assumiu, com perfeição e fulgor, o papel de opositor e conseguiu transformar as páginas do seu jornal, sobretudo as reservadas à política nacional, em autênticos panfletos de um combate inflamado que ecoavam o tom do jornalismo revolucionário das primeiras décadas do século. Jaime Brasil comenta, a respeito desta primeira experiência jornalística do escritor: “Ora, o *Distrito de Évora* era contra o governo. Tratava-se, portanto, de bater no Governo, de apontar os malefícios, a estupidez, o ridículo dos homens do Governo. O jovem anarquizante estava, pois, nas suas quintas. Podia demolir à vontade – teoricamente, bem entendido – a velha carcaça do poder, apontar-lhe as podridões e, sobretudo, crivá-la de ridículo (...)”⁴². Também Aníbal Pinto de Castro, na introdução a *Páginas de Jornalismo*, sublinha precisamente esta atitude exaltada com que o jovem Eça abordou as questões políticas internacionais e nacionais e explica-as sobretudo por questões de dever profissional e de juventude: “(...) não poderá deixar-se de levar em linha de conta a situação em que então se encontrava – profissionalmente tinha o dever de dar voz a uma oposição, cujos fundamentos e pressupostos político-ideológicos eram naturalmente contrários aos do Governo (...)”; e, mais à frente, explica que “a crítica serena que o tempo havia de trazer consigo, permitindo-lhe (...) uma análise mais objectiva dos factos, explica a duração efémera das suas afirmações mais radicais.”⁴³ Longe estamos ainda do jornalismo imparcial e informativo que progressivamente começava a caracterizar a nova fase da imprensa nacional⁴⁴: as páginas do *Distrito de Évora* são sobretudo páginas de denúncia, de crítica acérrima, de combate político, de polémica. Eça não se poupou a esforços para desmascarar o estado da

⁴² BRASIL, Jaime – «Eça de Queiroz, jornalista». In: PEREIRA, Lúcia Miguel e REIS, Câmara (org.) – *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p. 512.

⁴³ CASTRO, Aníbal Pinto de – «Nota Introdutória». In: QUEIRÓS, Eça de – *Páginas de Jornalismo «O Distrito de Évora» (1867)*. Porto, Lello & Irmão – Editores, 1981, p. xvii.

⁴⁴ Segundo José Tengarrinha, a partir de 1865, com a fundação do *Diário de Notícias*, desenvolve-se, no nosso país, “uma imprensa preponderantemente *noticiosa*, que se opõe à Imprensa preponderantemente de *opinião*. Estava lançada a trave mestra do jornalismo contemporâneo: a informação, como sua principal preocupação e objectivo.” (TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 1989. 2ª ed., p. 215). Ora, na nossa opinião, o conteúdo e a forma das páginas do *Distrito de Évora*, que, convém não esquecermos, era um jornal regional, aproximam-se muito mais da prática jornalística romântica em que “os jornais, ardentes de paixão partidária, arrastavam consigo a opinião pública, marcando inegável influência na marcha dos acontecimentos políticos!” (TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa, Caminho, 1989. 2ª ed., p. 219).

nação, denunciando todos os podres governamentais, desde as simples questiúnculas de bastidores, até a problemas de fundo: a corrupção política, a falência das finanças públicas, a polémica criação do imposto de consumo, a decadência da qualidade de vida do povo, o despesismo inútil, a 'política-espectáculo', o enfeudamento da imprensa, etc. Cumpre, portanto, de forma apaixonada, aquilo que afirma no texto inaugural da Secção «Revista Crítica dos Jornais», no número 1 de 6 de Janeiro de 1867: “A actividade do jornalismo nunca deve abrandar, a sua consciência deve ter sempre o mesmo vigor, a sua pena o mesmo colorido, o seu sentimento a mesma justa intensidade.” (Vol.II, p.300).

4. A reacção à massificação da imprensa na década de 90

Dentre as várias experiências jornalísticas do nosso autor, a colaboração com a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro⁴⁵ foi, sem dúvida, a mais duradoura e variada, não só porque se prolongou, de um modo quase sistemático, durante dezassete anos, mas também porque ela se espria em diversos tipos de compromisso: na *Gazeta*, Eça, além de correspondente internacional, mantendo os leitores a par do que se passava em Inglaterra, em França e um pouco por toda a Europa, foi mentor de um importante projecto cultural – a criação do «Suplemento Literário»⁴⁶ – e também utilizou as páginas da *Gazeta* para publicar, muitas vezes em primeira mão, alguma da sua melhor ficção⁴⁷. Eça, portanto, não se limitou a ser um mero correspondente da *Gazeta de Notícias*, tendo-se

⁴⁵ Ora, a presença de Eça de Queirós nas páginas da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro vem, de algum modo, confirmar a importância que o jornalismo brasileiro começou a dar, a partir de determinada época, à presença do homem de letras no seu campo. Como demonstra a análise de Lavínia Ribeiro, no caso específico do Brasil, o jornalismo político antecedeu o jornalismo literário que só começou a afirmar-se com a progressiva heterogeneização do espaço público, no momento em que os jornais, desvinculando-se do peso partidário, se diversificam, quer em termos de géneros, quer ao nível dos conteúdos (RIBEIRO, Lavínia – *Imprensa e Espaço Público. A Institucionalização do Jornalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, e-papers, 2004, p. 118-122).

⁴⁶ Segundo Elza Miné e Neuma Cavalcante, “Eça não restringiu suas funções na *Gazeta* às de um correspondente estrangeiro ou de um colaborador de além-mar. A distância geográfica não constituiu obstáculo para que se tornasse também o mentor, o responsável pela criação e o director de seu «Suplemento Literário», que pode, sem dúvida, ser encarado como um projecto queirosiano para o Brasil.” (MINÉ, Elza – «Imagens finiseculares do Novo Mundo no Jornalismo de Eça de Queirós». In: *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*. Coimbra, Almedina, 2002, Vol. I, p. 21). O primeiro número do Suplemento saiu a 18 de Janeiro de 1892, tendo sido publicados ao todo seis números, “sempre em duas páginas, oito colunas cada, numeradas em algarismos romanos” (MINÉ, Elza – *Páginas Flutuantes – Eça de Queirós e o Jornalismo do Século XIX*. S. Paulo, Ateliê Editora, 2000, p. 68); “a estrutura geral do Suplemento aparenta-o com o esquema básico de muitas das revistas ilustradas tão em voga no último quartel do século XIX, tanto em Portugal, como no Brasil, em que, de uma maneira leve, se ministrava ao leitor um pouco de “instrução e recreio” (...)” (MINÉ, Elza – *Páginas Flutuantes – Eça de Queirós e o Jornalismo do Século XIX*. S. Paulo, Ateliê Editora, 2000, p. 71).

⁴⁷ Manuel Bandeira, num artigo dedicado à colaboração queirosiana neste jornal brasileiro, faz um elenco minucioso e datado da publicação dos textos do escritor; esse estudo permite-nos saber que, para além das cartas que, como já referimos, são fruto da sua actividade de correspondente, encontrando-se publicadas em secções como *Cartas de Paris e de Londres*, *Cartas de Inglaterra*, *Ecos de Paris*, *Cartas Familiares de Paris* e *Bilhetes de Paris*, Eça publicou nas páginas da *Gazeta de Notícias* alguma importante ficção: *A Relíquia*, entre 24 de Abril e 10 de Junho de 1887; um capítulo d'*Os Maias*, em 1 de Julho de 1888; «Memórias e Notas» d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, bem como algumas cartas de Fradique; os contos «Civilização» em 1892, «Frei Genebro» em 1894 e «O Defunto», em 1895. (BANDEIRA, Manuel – «Correspondência de Eça de Queiroz para a imprensa brasileira». In: *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*, Lisboa, Livros do Brasil, s/d., p. 169 e ss).

envolvido de uma forma muito mais profunda com o periódico, a ponto de Elza Miné considerar Eça “estrela de primeiríssima grandeza na *Gazeta*”⁴⁸. Podemos, assim, concluir que a passagem de Eça pela *Gazeta de Notícias* ultrapassa o âmbito de uma simples colaboração tal como a que tinha tido, no final da década de setenta, para o jornal *A Actualidade*. Para além de esta ser uma colaboração continuada, como o confirmam as dezenas de cartas e crónicas que foram publicadas entre 1880 e 1897, Eça envolveu-se na própria orgânica da *Gazeta*, colaborando activamente na construção do seu «Suplemento Literário» e utilizou-a também como meio de angariar e fidelizar outros leitores da sua obra romanesca. É, portanto, possível afirmar que a relação de Eça com este periódico brasileiro representa, de modo bastante nítido, o conjunto de todas as práticas jornalísticas da vida do escritor. Por outras palavras, as diversas funções que Eça foi assumindo, ao longo da sua vida, na imprensa contemporânea encontram-se disseminadas nesta colaboração com a *Gazeta de Notícias*. Além do mais, esta colaboração jornalística tem lugar num tempo em que Eça de Queirós era já um afamado escritor, conhecido e lido com grande interesse no Brasil⁴⁹. Não se trata aqui já do anónimo escritor de uns folhetins do tempo do *Distrito de Évora*, antes de uma personalidade já bastante conhecida, polémica em alguns aspectos e suficientemente amadurecido, quer nos pressupostos ideológicos, quer em termos estéticos.

Vejamos, então, de que forma esse amadurecimento e, concomitantemente, as evoluções operadas no universo da imprensa desde os anos sessenta se traduzem nas opiniões de Eça sobre o jornalismo e a sua projecção nas sociedades europeias, nesta década de noventa. O escritor, dada a sua posição privilegiada no centro da Europa civilizada, pôde contactar de perto com os principais jornais ingleses e franceses, que lia em quantidade e variedade, como as suas correspondências de imprensa deixam perceber. Quer isto dizer, portanto, que o olhar de Eça, neste fim de século, se abre ao jornalismo como fenómeno europeu, permitindo-lhe uma perspectiva mais alargada e, sobretudo, mais globalizante.

Numa carta de *Ecos de Paris*, datada de 27 de Abril de 1894, dedicada ao perfil do novo director da *Revista dos Dois Mundos*⁵⁰, o senhor Brunetière, Eça de Queirós empreende uma análise crítica à prática jornalística do seu tempo. Numa clara estratégia de autenticação, faz preceder a sua análise de duas considerações fundamentais: a primeira diz respeito ao facto de ele próprio ser “a [seu] modo, e de um modo bem imper-

⁴⁸ MINÉ, Elza – *Páginas Flutuantes – Eça de Queirós e o Jornalismo do Século XIX*. S. Paulo, Ateliê Editora, 2000, p. 33.

⁴⁹ A propósito da recepção da obra queirosiana no Brasil, diz Paulo Cavalcanti: “Ninguém demarcou, ainda, no estudo de suas influências, a que exerceu sobre a grande massa de leitores, nas camadas intermediárias da sociedade brasileira dos fins do século, que o tomava como modelo de renovação estética, seguindo-lhe os gestos e as preferências, retendo de memória as situações do romances, o nome das personagens, adaptando aos tipos humanos do momento (...) as características que Eça de Queiroz animou no povoamento da sua obra.” (CAVALCANTI, Paulo – «Eça de Queiroz e o Brasil». In: *Eça e Os Maias*. Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Edições Asa, 1990, p. 63).

⁵⁰ A *Revue des Deux Mondes* era uma célebre publicação parisiense que já existia desde a década de trinta e que, a par com a *Revue de Paris*, acolhia nas suas páginas apenas os grandes nomes da cultura e da literatura. Era, portanto, uma revista modelar e elitista. Sobre o importante papel desta revista na imprensa francesa, veja-se THÉRENTY, Marie-Ève e VAILLANT, Alain – 1836. *L'An I de l'ère médiatique. Analyse littéraire et historique de La Presse de Girardin*. Paris, Nouveau-Monde Editions, 2001, p. 31-32; THÉRENTY, Marie-Ève – *Mosaïques. Être écrivain entre presse et roman (1829-1836)*. Paris, Honoré Champion, 2003, p. 92.

feito, uma espécie de jornalista”⁵¹; a segunda refere-se ao facto de a sua análise ir corroborar as opiniões de Brunetière sobre o assunto, sendo que este representa para Eça o academismo inflexível, dogmático e retrógrado, com o qual não se identifica. Por outras palavras, o cronista alicerça a sua argumentação em dois aspectos que promovem a autenticidade das suas opiniões: o facto de ele próprio pertencer, de certa forma, à classe dos jornalistas e, como tal, possuir um estatuto que lhe confere o direito à crítica imparcial; e o facto de ir ao encontro de opiniões de uma personalidade em relação à qual tem muitas reservas intelectuais.

Assim, os vícios representados pelo jornalismo são, segundo o cronista, a superficialidade, a ligeireza, o excessivo poder dos jornais na formação da opinião pública e, finalmente, o facto de os conceitos de fama e de heroísmo estarem sujeitos ao filtro das páginas impressas. Na verdade, são muito interessantes e ainda de grande actualidade as páginas desta carta reservadas à análise do jornalismo. Os jornais são acusados por Eça de deformarem o público, incentivando-o à superficialidade e ligeireza de opiniões: “Incontestavelmente foi a imprensa, com a sua maneira superficial e leviana de tudo julgar e decidir, que máis concorreu para dar ao nosso tempo o funesto e já irradicável hábito dos juízos ligeiros.”⁵². Mas Eça não se restringe à expressão da sua opinião, indo mais longe e enriquecendo o seu raciocínio com alguns exemplos retirados de jornais franceses de referência como o *Pays*, o *Temps*, e o *Figaro*⁵³. O segundo grande defeito do jornalismo é, segundo o correspondente, fomentar na sociedade uma nova forma de vaidade: o “reclamo”, como lhe chama Eça, tem um poder extremamente forte sobre todos os indivíduos cujo bem supremo seria “ter o seu nome impresso, citado no jornal”⁵⁴. O jornal aparece, então, como um fim último a atingir, independentemente do tipo de acção praticado: “É esta esperança do «artigo do jornal», que, como outrora a esperança do Céu, governa a conduta e as ideias – e para «vir no jornal» é que os homens se arruinam, e as mulheres se desonram, e os políticos desmancham a boa ordem do Estado, e os artistas se lançam na extravagância estética, e os sábios alardeiam teorias mirabolantes, e de todos os cantos, em todos os géneros, surge a horda sófrega dos charlatães”⁵⁵.

⁵¹ QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 456.

⁵² QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 458.

⁵³ Relativamente a este último, o mais prestigiado jornal francês, o cronista conta, citando, que uma notícia sobre a economia portuguesa dava conta de que membros de ilustres famílias aristocráticas nacionais arranjavam empregos como carregadores na alfândega e Eça comenta: “Estes herdeiros das grandes casas de Portugal, carregando pipas de azeite e fardos de café no cais da alfândega, e conservando todavia criados de farda para lhes ir receber o salário – formam um quadro simplesmente portentoso. Pois quem o traça é o *Figaro*, um dos mais considerados jornais de Paris, e um dos que têm um pessoal mais largo e mais remunerado.” (QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 460).

⁵⁴ QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 461.

⁵⁵ QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 462.

Curiosamente, no final da carta, Eça de Queirós assume uma postura irónica e distanciada, confessando partilhar desses pecados apontados ao jornalismo e termina declarando: “e eu tenho pressa de a findar, para ir ler os meus jornais com delícia!”⁵⁶. Este final desconcertante traduz, na nossa opinião, a posição ambivalente dos homens de letras face às grandes mudanças operadas no universo jornalístico no final do século: se, por um lado, perspectivam os jornais como um bem imprescindível que ensina a ler o mundo e permite a vivência democrática, por outro lado, também captam os seus aspectos mais disfóricos, nomeadamente o enfeudamento do jornalista à nova força crescente da massa de leitores. Note-se que esta duplicidade não é de todo específica de Eça de Queirós, pois um escritor como Stendhal, algumas décadas antes de Eça, também via o jornal como “une arme à double tranchant”: se, por um lado, é a arma fundamental para o combate das tiranias, por outro lado, é profundamente nociva à arte, provocando a estandardização dos julgamentos estéticos e a decadência da arte e da literatura. Também Eça foi muito sensível a este aspecto e, num interessante texto de *Ecos de Paris*, datado de 1 de Julho de 1894, intitulado «O Salon», Eça apresenta ao seu leitor um evento anual de grande projecção cultural – o salão de belas artes – mas fá-lo em termos irónicos, transmitindo a impressão de que a exposição em causa decorre, não tanto de uma verdadeira paixão pelas Belas-Artes, mas antes de um calendário social que importava cumprir, tal como em Londres se organiza anualmente a regata inter-universitária ou em Lisboa as festas de Santo António. No entanto, a análise queirosiana vai ainda mais longe e considera a visita à exposição uma “peregrinação instrutiva”, sobretudo porque permitiu ao cronista matéria de reflexão sobre uma questão muito mais alargada do que simplesmente o aspecto artístico ou social do evento. Neste cenário, Eça apercebe-se da incapacidade inata do homem social, na época moderna, de pensar com a sua própria cabeça, de ajuizar livremente, independentemente dos ditames proferidos pelos líderes de opinião ou pelos jornais. Note-se como descreve o público do Salão: “Como uma fila submissa de bons carneiros, todos estes milhares de seres pensantes, e únicos donos do seu pensamento, marchavam arrebanhadamente para aquelas obras que, na véspera, o Estudo Crítico, ou antes o Guia Crítico do «Salão», publicado pelo jornal, lhes indicava, ou melhor lhes impusera, como as únicas diante das quais deviam parar, e fazer «ah!» e sentir uma emoção, e depor um louvor.”⁵⁷ A partir daqui, o autor alarga-se em considerações, muitas delas ainda de grande actualidade, sobre o fracasso dos ideais revolucionários e da Democracia, pois que já no final do século XIX, o público – leia-se o público urbano burguês – se comporta como o habitante de Damasco ou de Bagdad que não prescindia do seu “cádi” ou do seu “ulemá” para poder ter uma opinião que seguir; com uma diferença, imposta pelos tempos modernos: neste final de século, nenhum homem civilizado que se queira respeitado pode prescindir da Arte ou da Literatura, pois elas representam a “sobrecasaca da inteligência”, rápida e fugazmente consumidas nos jornais, afinal os grandes formadores (e deformadores) da opinião pública. Neste ponto, Eça consegue ser corrosivo: “O expediente natural portanto é

⁵⁶ QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 462.

⁵⁷ QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 477.

recorrer àqueles que têm por profissão e especialidade fornecer, sobre coisas de arte, opiniões e frases. Estes são os críticos e têm a sua loja de retalho no jornal. Nada mais cómodo, mais rápido, pois, do que comprar ao crítico, pela tolerável soma de dez réis, três ou quatro opiniões, como se compram no luveiro três ou quatro pares de luvas, escuras e claras. Enverga-se a opinião como se calça a luva, e desde logo se fica apto a aparecer na sociedade com o ar e a elegância moral de um ser culto.”⁵⁸

Conclusão

Certo é que, dentre os variados temas que compõem a correspondência da *Gazeta de Notícias* da década de noventa, o jornalismo ocupa um lugar central, embora discutido de uma forma fragmentária⁵⁹, e é um dos aspectos do mundo moderno que compõe a imagem pessimista e céptica que Eça mostra ter da Europa, sobretudo da Europa civilizada, aqui representada por França e Inglaterra. Ao contrário do que sucedera no *Distrito de Évora*, o escritor /jornalista, neste final de século, não defende explicitamente nenhum ideal de jornalismo mas reúne um conjunto de críticas que ilustram bem as tensões que marcam a evolução do jornalismo europeu nestas últimas décadas do século. Não esqueçamos que, desde a década de setenta, Eça de Queirós vive fora de Portugal, ocupando cargos consulares de algum relevo, como o de Bristol e o de Paris, o que lhe possibilitou um contacto directo com o funcionamento da mais prestigiada imprensa europeia. Ora, nestas últimas décadas, o jornalismo francês começou a modernizar-se, adaptando-se lentamente ao modelo anglo-americano que ditava, entre outras coisas, a primazia dos factos sobre as opiniões, a valorização da objectividade, a promoção do sensacionalismo, etc. Dissemos já, no entanto, que dada a especificidade da imprensa francesa, sobretudo a sua íntima relação com a Literatura, essa industrialização da imprensa foi lenta e gerou grandes controvérsias.

Parece-nos, assim, relendo as opiniões plasmadas por Eça nestas crónicas finisseculares à luz da História da imprensa europeia, que elas traduzem as grandes inquietações do homem de letras oitocentista que se apercebia da gradual perda de importância do literato e do intelectual num mundo em transformação. Deste modo, entendemos as posições de Eça como mais uma forma de resistência à industrialização e à massificação do

⁵⁸ QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 481.

⁵⁹ A propósito da crítica ao jornalismo, leia-se um outro ‘eco’, igualmente datado de 1894, em que Eça de Queirós conta o facto inédito de o rei Humberto de Itália ter sido entrevistado por um jornalista do *Figaro*. Aqui o cronista aproveita para desmascarar a inutilidade das entrevistas a figuras oficiais, argumentando que nada de novo, original ou espantoso poderão confessar; deste modo, o cronista ridiculariza a publicidade estridente feita pelo jornal francês perante o facto de ter conseguido este furo. Noutra carta de *Ecos de Paris*, datada de 10 de Agosto de 1894, a propósito da cobertura jornalística da morte do Presidente Carnot, o cronista condena a linguagem sensacionalista dos jornais que apenas serve para exaltar as emoções, impedindo o fundamental distanciamento crítico do leitor: “Os jornais concorreram para exaltar esta curiosidade, menos pelas cousas dolorosas que vinham contando, como pela maneira terrífica com que as anunciavam, em tipo disforme, letras de três polegadas, de um negrume sinistro, enchendo toda uma folha, e na sua mudez mais estridentes que gritos!” (QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002, p. 491).

jornalismo, característica de muitos intelectuais europeus. Inclusive, a leitura da sua vastíssima colaboração crónica e epistolar para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro permite-nos verificar a persistência de um conjunto de estratégias discursivas e narrativas mais próximas do ideal jornalístico pré-industrial do que propriamente a submissão aos novos padrões de escrita: o persistente recurso à forma epistolar, a propensão narrativa dos textos, a persistência do discurso descritivo, a literariedade de algumas crónicas, o diletantismo temático e a forte presença da opinião e da subjectividade discursiva são estratégias típicas de um jornalismo literário que insiste em resistir à vaga do novo jornalismo de finais do século XIX.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Activa

- QUEIRÓS, Eça de – *O Distrito de Évora*. Évora, 1867.
- QUEIRÓS, Eça de – *Páginas de Jornalismo «O Distrito de Évora»*. Edição de Aníbal Pinto de Castro. Porto, Lello & Irmão – Editores, 1981. Vols. I e II
- QUEIRÓS, Eça de – *Correspondência*. CASTILHO, Guilherme de (coord.). Lisboa, INCM, 1983. 2º Vol.
- QUEIRÓS, Eça de – «Palavras sobre o jornalismo constitucional». In: *Obras de Eça de Queiroz*, Introdução e fixação dos textos por Aníbal Pinto de Castro. Porto, Lello & Irmão – Editores, 1986. Vol. IV, p. 1001-1004.
- QUEIRÓS, Eça de – *Uma Campanha Alegre*. Lisboa, Livros do Brasil, s/d.
- QUEIRÓS, Eça de – *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*, Edição Crítica de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, INCM, 2002.

Bibliografia Passiva

- ASPERTI, Clara Miguel – «A vida carioca nos jornais: *Gazeta de Notícias* e a defesa da crónica». In: *VII Jornada Multidisciplinar: Humanidades em Comunicação*. FAAC / UNESP, Bauru, Outubro de 2005, <http://ns.faac.unesp.br>
- BALLE, Francis – *Médias et Sociétés – De Gutenberg à internet*. Paris, Montchrétien, 1997. 8ª ed.
- BANDEIRA, Manuel – «Correspondência de Eça de Queiroz para a imprensa brasileira». In: PEREIRA, Lúcia Miguel e REIS, Câmara (org.) – *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Livros do Brasil, s/d., p. 167-182.
- BAPTISTA, Jacinto – «Eça jornalista». In: MATOS, A. Campos (org.) – *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Caminho, 1993, 2ª ed., p. 320-327.
- BRASIL, Jaime – «Eça de Queiroz, jornalista». In: PEREIRA, Lúcia Miguel e REIS, Câmara (org.) – *Livro do Centenário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Livros do Brasil, 1945, p. 509-520.
- CASTRO, Aníbal Pinto de – «Nota Introdutória». In: QUEIRÓS, Eça de – *Páginas de Jornalismo «O Distrito de Évora» (1867)*. Porto, Lello & Irmão – Editores, 1981, p. V a XXXVI.

- CAVALCANTI, Paulo – «Eça de Queiroz e o Brasil». In: *Eça e Os Maias*, Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Edições Asa, 1990, p. 61-66.
- CHALABY, Jean – «O Jornalismo como invenção anglo-americana. Comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920)». In: *Media & Jornalismo*. Nov. 2003, Vol. 1, n.º 3, p. 29-50, <http://revcom.portcom.intercom.org.br>
- DAVID, Celestino – *Eça de Queirós em Évora*. Évora, A Cética, 1945.
- DELPORTE, Christian – *Histoire du Journalisme et des Journalistes en France (du XVII^e siècle à nos jours)*. Paris, PUF, 1995.
- DIAZ, Brigitte – «Stendhal face à la presse de son temps». In: THERENTY, Marie-Ève et VAILLANT, Alain (org.) – *Presse et Plumes. Journalisme et Littérature au XIX^e siècle*. Paris, Nouveau-Monde Editions, 2004, p. 17-29.
- DIAZ, José-Luis – «L'esprit sous presse. Le journal et le journaliste selon la Littérature panoramique (1781-183)». In: THERENTY, Marie-Ève et VAILLANT, Alain (org.) – *Presse et Plumes. Journalisme et Littérature au XIX^e siècle*. Paris, Nouveau-Monde Editions, 2004, p. 31-50.
- FERENCZI, Thomas – *L'invention du Journalisme en France. Naissance de la presse moderne à la fin du XIX^e siècle*. Paris, Plon, 1993.
- GUEDES, Fernando – *O Livro e a Leitura em Portugal. Subsídios para a sua História. Séculos XVIII-XIX*. Lisboa e São Paulo, Editorial Verbo, 1987.
- GUERRA DA CAL, Ernesto – *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz – Apêndice Bibliografía Queiroziana sistemática y anotada e iconografía artística del hombre y la obra*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1975. Tomo 1º
- MATOS, A. Campos (Org.) – *Dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa, Caminho, 1993. 2ª ed.
- MINÉ, Elza – *Eça de Queirós jornalista*. Lisboa, Livros Horizonte, 1986. 2ª ed.
- MINÉ, Elza – «O jornalista em Eça de Queirós: falas inaugurais para uma utopia». In: *Eça e Os Maias*, Actas do 1º Encontro Internacional de Queirosianos. Faculdade de Letras do Porto, Porto, Asa, 1990, p. 159-166.
- MINÉ, Elza – *Páginas Flutuantes – Eça de Queirós e o Jornalismo do Século XIX*. S. Paulo, Ateliê Editora, 2000.
- MINÉ, Elza – «Imagens Finisseculares do Novo Mundo no Jornalismo de Eça de Queirós». In: *Actas do IV Encontro Internacional de Queirosianos*. Coimbra, Almedina, 2002, Vol. I, p. 31-42.
- MÓNICA, Maria Filomena – *Eça de Queirós*. Lisboa, Quetzal Editores, 2001.
- PEREIRA, A. X. da Silva – *Os jornais portugueses sua filiação e metamorfoses. Notícia suplementar alfabética de todos os periódicos mencionados na Resenha Cronológica do Jornalismo Português*. Lisboa, Imprensa Libanio da Silva, 1897.
- REIS, Carlos – *Eça de Queirós Consul de Portugal à Paris 1888-1900*. Paris, Centre Culturel C. Gulbenkian, 1997.
- RIBEIRO, Lavinia – *Imprensa e Espaço Público. A Institucionalização do Jornalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, e-papers, 2004.
- SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos – «As penas de viver da pena (aspectos do mercado nacional do livro no século XIX)». In: *Análise Social. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*. 1985 n.º 86, Vol. XXI, 2º, p. 187-227.
- SIMÕES, João Gaspar – *Vida e Obra de Eça de Queirós*. Amadora, Bertrand, 1980. 3ª ed.
- TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2ª ed., Lisboa, Caminho, 1989.

- THERENTY, Marie-Ève e VAILLANT, Alain – 1836. *L'An I de l'ère médiatique. Analyse littéraire et historique de La Presse de Girardin*. Paris, Nouveau Monde Editions, 2001.
- THERENTY, Marie-Ève – *Mosaïques. Être écrivain entre presse et roman (1829-1836)*. Paris, Honoré Champion, 2003.
- THERENTY, Marie-Ève e VAILLANT, Alain (org.) – *Presse et Plumes. Journalisme et Littérature au XIX siècle*. Paris, Nouveau-Monde Editions, 2004.
- VARGUES, Isabel Nobre – «A Afirmação da Profissão de Jornalista em Portugal: um poder entre poderes?». In: Separata da *Revista de História das Ideias*. Faculdade de Letras, Coimbra, 2003. Vol. 24.